

## O ESTRESSE FAMILIAR DE CRIANÇAS COM TRANSTORNO DO ESPECTRO AUTISMO – TEA

THE FAMILY STRESS OF CHILDREN IN THE AUTISM SPECTRUM DISORDER – ASD

Thaís Cunha de Oliveira Kiquio<sup>1</sup>

Karin Martins Gomes<sup>2</sup>

### Resumo

A proposta deste estudo foi identificar o estresse nas famílias de crianças com o Transtorno do Espectro Autismo – TEA, e a relação da família com outros filhos não autistas. Trata-se de uma pesquisa de revisão não sistemática, desenvolvida a partir de artigos científicos publicados entre os anos de 2003 a 2015, foram consultadas as bases de dados bibliográficas Scielo (Scientific Electronic Library Online); Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e Google Acadêmico. Foram analisados 49 artigos, sendo desses, 10 estudados na íntegra. Os resultados revelaram, que a gravidade dos sintomas do TEA, são gatilhos desencadeadores do estresse parental, com maior sobrecarga na mãe pela questão social dos cuidados com o filho. Destaca-se a importância de estabelecer estratégias para análise mais aprofundada do perfil dessas famílias, e conseqüentemente criar redes de apoio para um trabalho preventivo, com a finalidade de auxiliar os indivíduos na prevenção de fatores estressores, que podem resultar no comprometimento da qualidade de vida da família e da criança com TEA

**Palavras-chave:** Autismo. Estresse. Família

### Abstract

The proposal of this study it was to identify the family stress of children in the Autism Spectrum Disorder (ASD), and the relationship between the family and non-autistic children. It is about a research of non-systematic review, developed on scientific articles published between 2003 and 2015. The Scielo (Scientific Electronic Library Online); Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) and Google Academics databases were consulted. 49 articles were analyzed, which 10 studied in full. The results reveal that the gravity of ASD symptoms are triggers for parental stress, overloaded for the mother due to social issues. The emphasis is on establishing strategies for the deep analysis of the family profile and creating supporting networks for a preventive work, trying to help individuals preventing stressors that can result on harming the quality of life of the family and the child with ASD.

**Keywords:** Autism. Stress. Family

---

<sup>1</sup> Pós-Graduanda em Terapia Cognitiva Comportamental pela Universidade do Extremo Sul Catarinense - UNESC. E-mail: thaiscoliveira@hotmail.com

<sup>2</sup> Professora Orientadora Dra. Do Curso de Pós-Graduação em Terapia Cognitiva Comportamental pela Universidade do Extremo Sul Catarinense – UNESC. E-mail: karin@unesc.net

## 1 INTRODUÇÃO

Segundo Gauderer (1993) foi em 1943, que Kanner, um psiquiatra infantil descreveu um grupo de 11 crianças que apresentavam características comuns, sendo a mais notável a incapacidade de se relacionar com outras pessoas. Kanner utilizou como título do seu trabalho: “Autistic Disturbance of Affective Contact”, que, em português, significa Distúrbio Autístico do Contato Afetivo. Kanner dividiu o autismo em primário, que ocorre desde o nascimento, e secundário que se manifesta após alguns anos.

Neste sentido, as principais características identificadas por Kanner são: falha no uso da linguagem, incapacidade de se relacionar com os outros, desejo obsessivo em manter as coisas da mesma maneira, medos inapropriados a coisas comuns, e excitação fácil com determinados objetos. Na mesma época, Hans Asperger definia outra síndrome, na qual se observavam comportamentos ligeiramente diferentes, essa síndrome foi chamada de “Asperger Syndrome”, sendo que nesta, as características se diferenciavam da de Kanner pelo fato de existirem aptidões linguísticas e cognitivas mais elevadas (LIMA, 2012, p.1).

Para Grinker (2010) em 1994 o autismo ainda era uma disfunção considerada incomum, que acometia apenas três de cada 10 mil crianças nascidas. Hoje, três décadas depois, consta que o autismo acomete cerca de uma a cada 158 crianças. Novas e importantes organizações já chamam de epidemia o número crescente de diagnósticos, ou seja, hoje, o autismo não é um distúrbio raro, sendo mais comum em meninos do que em meninas.

Nesse caso, Lima (2012) coloca que essa prevalência está relacionada a vários fatores, como o aumento da consciência dos pais, o maior conhecimento dos profissionais da área da saúde e educação sobre a patologia, e a criação de mais instrumentos de rastreamento do diagnóstico, sendo todos esses fatores importantes na contribuição para a melhoria do diagnóstico da criança. É importante saber que o autismo é um quadro clínico complexo e com uma variação que vai de traços leves, os quais não permitem fechar um diagnóstico, até o quadro mais grave com todos os sintomas presentes (SILVA; GAIATO; REVELES, 2012. p.7).

Atualmente o Autismo é classificado segundo o DSM-V (2014) como Transtorno do Espectro Autismo – TEA, que passa a ter dois domínios de comprometimento: Déficit na Comunicação Social e Padrões Restritos e Repetitivos de Comportamento, que são classificados em: leve, moderado e grave. Devemos destacar de forma clara e verdadeira, que o Autismo trata-se de um Transtorno que ainda não se sabe a causa e também não tem cura.

As famílias podem vivenciar uma série de emoções quando o filho tem diagnóstico de autismo. Salienta-se ainda, que o nascimento de um filho perfeito, que ao longo da vida se torne um adulto independente, é o desejo de toda a família. Quando a família recebe um diagnóstico TEA, pais/cuidadores tendem a se desestruturar. É comum que nessa fase, sentimentos negativos possam surgir, como a revolta, raiva, insegurança, medo e culpa. Além disso, sintomas associados a depressão e ao estresse podem estar presentes. Pensando nesses aspectos é importante traçar o perfil psicológico dessas famílias para entender aspectos emocionais que podem influenciar na qualidade de vida.

Diante dos fatos demonstrados acima, parte-se do argumento que é essencial abordar o tema, uma vez que a família de crianças com TEA, vivencia uma intensa e exaustiva rotina com o filho. Essa rotina pode ter consequências devastadoras na saúde psicológica e física, que interferem na qualidade de vida familiar. Portanto este artigo tem como objetivo identificar o estresse nas famílias de crianças com Transtorno do Espectro Autismo – TEA, e a relação da família com outros filhos não autistas.

## 2 MATERIAL E MÉTODOS

Para identificação de artigos foram consultadas as bases de dados bibliográficas Scielo (Scientific Electronic Library Online); Pepsic (Periódicos Eletrônicos de Psicologia) e Google Acadêmico a fim de se identificar publicações envolvendo a temática sobre o perfil emocional da família de crianças com transtorno espectro autismo.

Utilizou-se os descritores – palavras chaves: “autismo, família, perfil psicológico e fatores estressores”.

Foram excluídos artigos que: não condiziam com o tema da pesquisa; artigos que não estavam disponíveis na íntegra; famílias de crianças com outros transtornos neurológicos ou psiquiátrico que não autismo; artigos publicados em inglês; artigos psicanalíticos e artigos anteriores ao ano 2003

Afim de detalhar e sistematizar os resultados encontrados, construiu-se um quadro contendo as informações, como: autores e ano de publicação, tema, os participantes do estudo e métodos; o foco do estudo, e os resultados do estudo.

A análise de seleção dos artigos encontrados ocorreu de acordo com a seguinte sistematização: a avaliação inicial do material bibliográfico, mediante a leitura dos resumos e consideração final. Feito isso foram selecionados 59 artigos que atendiam os objetivos do

estudo através do tema. A seguir realizou-se a leitura na íntegra, com a seleção final de 10 artigos para o estudo de revisão não sistemática.

### 3 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Dos 10 artigos selecionados, 04 artigos tiveram como objetivo principal pesquisar sobre o perfil emocional e impactos do diagnóstico na família; 04 artigos tiveram como foco as mães, e 02 artigos como foco os irmãos de autistas.

Tabela 1 – Características dos estudos publicados entre 2001 e 2015 sobre o Perfil familiar de pessoas com Transtorno Espectro Autismo – TEA.

<b>Autores</b>	<b>Título</b>	<b>Participantes/Métodos</b>	<b>Foco do estudo</b>	<b>Resultado</b>
SCHMIDT e BOSA (2003)	A investigação do impacto do autismo na família.	Revisão bibliográfica.	Revisar sobre o impacto dos Transtornos Globais do Desenvolvimento, em especial no autismo.	Consequente acometimento dos pais pelo estresse decorrente da prestação de cuidados em longo prazo.
SPROVIER e ASSUMPTÇÃO JR (2001)	Dinâmica familiar de crianças Autistas	15 famílias de autistas, 15 famílias com síndrome de Down, e 15 famílias de filhos saudáveis.  Quantitativo.	Comparar a dinâmica familiar dos três grupos	Dinâmica familiar do autista é dificultadora da saúde emocional da família.
BARBOSA e FERNADES (2009)	Qualidade de vida dos cuidadores de crianças com Transtorno do Espectro Autismo	150 cuidadores, com idade 24-65 anos.  Quantitativo	Avaliar a qualidade de vida dos cuidadores, e determinar se há algum tipo de Relação entre os diferentes domínios e aspectos demográficos como escolaridade e classe social.	Fatores como acesso a lazer, saúde e transporte têm papel importante na qualidade de vida percebida por pais de crianças do espectro autístico.
SEMENSATO et al. (2010)	Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais	Grupo de pais de crianças, adolescente e pais de autistas.  Estudo exploratório. Quantitativo.	Explorar a percepção parental a respeito das prioridades e necessidades no cuidado dos filhos com autismo.	Ressaltam a importância do trabalho grupal com os familiares de pessoas com autismo e a necessidade dos profissionais de valorizar a escuta da percepção parental sobre suas experiências.
SMEHA e CEZAR. (2011)	A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo	4 mulheres com filhos na faixa etária infantil que apresentam diagnóstico de autismo	Teve como objetivo compreender como as mães de crianças com autismo vivenciam a maternidade.	Ressalta-se que a psicologia pode funcionar como rede de apoio a estas mulheres e contribuir para a preservação da saúde mental de famílias que possuem

			Entrevistas semiestruturadas, quantitativa e qualitativa.	um componente com diagnóstico de autismo.
SCHMIDT E BOSA. (2007)	Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo	30 mães de filhos com autismo, com idades entre 30 e 56 anos.  Qualitativo e quantitativo.	Investigar os níveis de estresse e auto-eficácia materna em mães de indivíduos com autismo.	Os resultados mostraram que a maior parte das mães (70%) apresentou altos níveis de estresse.
NUNES e SANTOS. (2009)	Itinerário Terapêutico Percorrido por Mães de Crianças com Transtorno Autístico	20 mães, vinculadas a duas instituições de atendimento.  Entrevista com roteiro semi-estruturado.	Examinar o itinerário percorrido por mães de crianças com transtorno autístico na busca do diagnóstico e tratamento, relacionando-o com a convivência com o filho acometido.	A trajetória materna na busca de compreender o problema do filho constituiu um movimento de peregrinação por consultórios, hospitais e profissionais de saúde.
ESTANIESKI E GUARANY (2015)	Qualidade de vida, estresse e desempenho ocupacional de mães cuidadoras de crianças e adolescentes autistas	Foram utilizados quatro instrumentos: WHOQOL--Bref, a Escala de Estresse Percebido, a Medida Canadense de Desempenho Ocupacional e um questionário criado pela pesquisadora contendo dados socioeconômicos e sobre a criança/adolescente.	Avaliar a qualidade de vida, estresse e o desempenho ocupacional de mães cuidadoras de crianças e adolescentes com diagnóstico de autismo.	Os dados do estudo sugerem que existe correlação entre as variáveis e que as mães cuidadoras possuem menor qualidade de vida, altos níveis de estresse e desempenho ocupacional baixo.
GOMES e BOSA (2004)	Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com Transtornos Globais do Desenvolvimento	62 crianças e adolescentes com idades entre 8 e 18 anos.	Investigar a presença de indicadores de estresse e a qualidade das relações familiares em irmãos de indivíduos com e sem autismo.	Não representa obrigatoriamente, obrigatoriamente, um evento adverso para os irmãos, desde que haja qualidade nas relações familiares e uma rede de apoio.
ARAÚJO et al. (2012)	Breve discussão sobre o impacto de se ter um irmão com transtorno do espectro do autismo.	O método baseou-se em um levantamento bibliográfico nas bases de dados da Bireme.	O objetivo foi discutir o impacto de se ter um irmão com diagnóstico de TEA em indivíduos sem deficiência.	Observa-se inclusive que estudos apontam resultados divergentes em relação a como se manifesta o impacto e ajuste no irmão de um indivíduo com autismo.

Fonte: Autor

Cada artigo selecionado, traz aspectos importantes analisados sobre o perfil da família de pessoas com TEA, são aspectos: emocionais, ambientais e sociais. Na pesquisa bibliográfica de Schmidt e Bosa (2003), revela-se uma série de fatores que podem contribuir para existência de estresse agudo mais elevado em familiares de pessoas com TEA, do que em relação a familiares de pessoas com síndrome de Down e pessoas com desenvolvimento típico. Diante desse fato, constatou-se que as mães apresentaram maior risco de crise de estresse em relação aos pais, em virtude dos fatores sociais exigirem mais das mães os cuidados parentais com o filho autista.

Para entender melhor, por que os familiares de autistas sofrem mais com estresse do que outros grupos de familiares, Sprovier e Assumpção JR (2001), fizeram um estudo através de entrevistas semiestruturadas com 45 famílias, divididas em três grupos: 15 de familiares de autistas, 15 de familiares de pessoas com síndrome de down, e 15 familiares de filhos saudáveis. Esse estudo, concluiu que os familiares de autistas apresentaram maior prejuízo na saúde emocional em relação aos outros membros do grupo, isso por que, o autista tem no próprio transtorno, características que refletem no ambiente familiar como, a baixa interação social e inabilidade de se relacionar com as pessoas, resultando assim, em problemas comportamentais, e fazendo com que os cuidadores passem a viver em função do transtorno do filho, exigindo uma tensão mais prolongada em virtude dos cuidados. Esse estudo, também apontou, maior nível de estresse nas mães de autistas do que nos pais, o que colaborou com a pesquisa do Schmidt e Bosa (2003).

Outros aspectos importantes como, acesso aos serviços especiais, fatores econômicos e culturais, foram analisados por Barbosa e Fernandes (2009) para traçar a qualidade de vida dos cuidadores de autistas. A pesquisa foi realizada através do instrumento WHOQOL-100, que avalia a qualidade de vida. Dessa forma, os autores avaliaram 4 domínios que são: físicos, psicológicos, relações sociais e meio ambiente, referentes ao WHOQOL-bref. Diante disso, a única variável que mostrou relação estatisticamente significativa com as outras variáveis referente aos aspectos sócio-demográfica, foi o domínio do meio ambiente. Em resumo, fatores como: acesso a lazer, saúde, transporte e condições de moradia, apresentaram grande importância na qualidade de vida de pais de crianças autistas, portanto, a escassez ou ausência desses fatores, podem intensificar ainda mais os níveis de estresse dos cuidadores.

Já os autores Semensato et al (2010), estudaram um grupo de pais de crianças com autismo, objetivando explorar a percepção parental sobre as prioridades e necessidades nos

cuidados do filho com TEA. As categorias criadas na análise de conteúdo foram elaboradas de acordo com o relato dos pais no grupo, ficando da seguinte forma: Manejo de Comportamento; Relação com Profissionais/ou Serviços de Saúde; influencia das Relações Familiares e envolvimento no Cuidado com o filho. A categoria manejo do comportamento, apareceu como sendo o maior indicador de estresse paterno, agitação, teimosia, cuidados rotineiro, agressividade e autoagressividade, foram os que mais se destacaram nos relatos dos pais. Enquanto que, a irritabilidade e a idade mais avançada do filho foram os maiores indicadores de estresse materno. A pesquisa ainda mostrou que, o sentimento dos pais de impotência diante dos cuidados rotineiros do filho, pode ser um forte fator estressante na vida diária dessas famílias.

No aspecto Profissionais/ou Serviços de Saúde, o relato dos pais demonstrou insegurança quanto aos tratamentos realizados pelos profissionais, tanto terapêuticos como farmacológicos, sendo esse último as mudanças frequentes de medicação as mais prejudiciais para o filho. Outros fatores como, demora no diagnóstico e falta de manejo nos serviços de saúde também são destacados como penosos para a família. Seguindo na categoria, Relações Familiares, o destaque vai para os irmãos de autistas, a relação foi vista como difícil, principalmente quando criança.

Outro aspecto observado, foi a disponibilidade dos pais para o irmão com desenvolvimento típico, já que o irmão com autismo exige mais cuidados e atenção dos pais. Além disso, a sobrecarga materna também foi destaque, evidenciando mais uma vez, que a mãe assume a responsabilidade maior nos cuidados com o filho. Salienta-se ainda que a convivência com outros familiares também torna-se difícil pela falta de compreensão do comportamento autístico, fazendo com que os pais evitem o contato com receio de se constrangerem com esses familiares por causa do filho, esse fato acaba contribuindo ainda mais com o isolamento da família. O estudo realizado pelos os autores Semensato et al (2010) com o grupo de pais, colaborou para entender os fatores estressores para a família de pessoas com autismo, oportunizando troca de experiências e de informação sobre como enfrentar os desafios diários.

Estanieski e Guarany (2015), também utilizaram o instrumento WHOQOL-BREF para avaliar a qualidade de vida, estresse e o desempenho ocupacional de mães cuidadoras de crianças e adolescentes com autismo. As principais dificuldades percebidas por elas em relação aos seus filhos, são: quanto ao seu desempenho ocupacional; relação interpessoal nas

dificuldades na interação social com pessoas e crianças; seguida da dificuldade na comunicação verbal e não-verbal; e por último comportamento repetitivos e compulsivos. Outro resultado desse estudo, apontou que, quanto mais alto o nível de estresse, menor será a qualidade de vida dessas mães. Neste sentido, o estresse familiar afeta principalmente a vida dos pais e das crianças autistas, havendo impacto negativo na qualidade de vida, ligada a saúde dos cuidadores. O estudo relacionou ainda que, a sobrecarga dos cuidadores, falta de dinheiro, excesso de responsabilidade e a dependência dos filhos, também são elementos que contribuem ainda mais para o estresse parental.

A proposta de estudo de Schmidt e Bosa (2007), foi investigar os níveis de estresse e auto-eficácia materna em mães de autistas. Participaram do estudo, 30 mulheres com idade entre 30 a 56 anos. Foi utilizado o Inventário de Stress para adultos de Lipp (ISSL) e uma escala de autoeficácia. O estudo mostrou que a maior parte das mães, uma média de 70%, apresentou alto nível de estresse. E na autoeficácia, as mães se julgaram menos confiantes para lidar com o comportamento do filho, principalmente no que se refere a interação social e comunicação. Já os comportamentos estereotipados, agitação, e os padrões restritos e repetitivos dos filhos, as mães se mostraram mais confiantes, entretanto, fatores como: as características do autismo no filho (dificuldade na interação social, agressividade, estereotipias, entre outras); a quantidade de tempo disponibilizada para cuidar do filho (higiene, vestuário, alimentação, terapias e etc); e a renúncia da carreira profissional, podem ter consequências devastadoras na saúde emocional da mãe, resultando na alta incidência de estresse, e prejudicando diretamente a qualidade de vida.

Smeha e Cezar (2011), trazem em seus estudos, a vivência da maternidade por mães de crianças autistas na faixa etária infantil. Na análise do estudo, é possível compreender que o momento do diagnóstico do filho é decisivo para a família, principalmente para as mães, que se dedica aos cuidados com a criança. Essas mães se deparam com inúmeros sentimentos contraditórios, capazes de fragilizar sua vivencia da maternidade, sentimento de culpa, ansiedade, preocupação, desilusão, tristeza, incertezas e inconformismo são os mais presentes e sentidos por elas. Importante ressaltar que cada mãe vivencia esses sentimentos de forma singular. Outra contribuição do estudo é explorar a peregrinação das mães depois do choque do diagnóstico, algumas mães se deparam com maiores dificuldades referentes aos filhos, entretanto para outras mães, o diagnóstico pode trazer alívio, já que agora elas conseguem direcionar o melhor tratamento. Outros aspectos que as mães relataram na pesquisa é o



preconceito que os filhos sofrem, o preconceito é sentido diretamente pela mãe, trazendo ainda mais sentimento negativos, principalmente de fragilidade.

Smeha e Cezar (2011) afirmaram o que Schmidt e Bosa (2007) já tinham concluído nas suas pesquisas, que as mães tornam os cuidados com seu filho como prioridade, abdicando de outras atividades, principalmente na área profissional, além da vida profissional, a vida social também é deixada de lado. Com todos os aspectos desse estudo, observa-se a importância de uma rede de apoio para essas mães, um lugar onde elas possam ser ouvidas, acolhidas, orientadas e compreendidas.

Para acrescentar essa análise, Nunes e Santos (2009), colocam em seus estudos, a peregrinação das mães de autistas, que vai do diagnóstico até o tratamento, tendo início nos consultórios médicos, hospitais e profissionais da saúde. Depois do diagnóstico, a mãe se depara com o luto, paralelamente a isso, inicia o processo de enfrentamento familiar, que desencadeia toda uma adaptação da família ao filho autista. Diante de toda a complexidade e fragilidade do filho, a mãe passa a se dedicar exclusivamente a ele, resultando na sobrecarga emocional e física. Os relatos maternos nesse estudo, ainda expressa a ansiedade e incerteza das mães relacionadas ao futuro, principalmente se tratando dos cuidados com o filho na ausência dela, caso lhe aconteça alguma coisa.

Gomes e Bosa (2004), pretenderam com o estudo identificar indicadores de estresse e qualidade de vida das relações familiares em irmão de indivíduos com autismo. A conclusão dos resultados mostrou que os irmãos de crianças com desenvolvimento típico, apresentaram mais sentimentos de proteção, zelo e ajuda em relação aos pais, do que os irmãos de criança com autismo. Outro fator relevante do estudo, é que o risco de desenvolver estresse em irmãos de autista depende de um conjunto de fatores. Nesse sentido, a conclusão do estudo, mostrou que a presença de um irmão autista não representa um evento estressor, desde que haja qualidade nas relações familiares e nas redes de apoio. Por outro lado, o estudo apresentou limitações quanto a quantidade de amostra, que podem ter contribuído com a ausência de fatores estressores nos irmãos.

Araujo et al (2012), fez um levantamento bibliográfica para discutir o impacto de se ter um irmão com o diagnóstico de autismo. O estudo apontou divergência quanto a problemática, não encontrando obrigatoriamente, eventos estressores para os irmãos, desde que a relação familiar tenha qualidade e exista uma rede de apoio. Tanto no estudo de Gomes

e Bosa (2004), quanto nos estudos de Araujo et al (2012), mostraram a necessidade de pesquisas mais elaboradas sobre o perfil dos irmãos de autistas.

#### 4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A princípio os pais não sabem que o filho tem autismo. Contudo, em determinado momento, suspeita-se que existe algo de errado com o desenvolvimento do filho. Neste sentindo a família começa a procurar respostas, passam por diversos profissionais até se chegar a um diagnóstico.

Partindo da ideia que o Transtorno do Espectro Autismo, é uma síndrome complexa, que compromete a interação social, comunicação e no comportamento, o diagnóstico pode ser visto por algumas famílias como uma sentença, ou como um alívio em saber o que o filho tem. Sentimentos como: culpa, perda, medo, raiva e revolta tornam-se presentes. O diagnóstico e o sentimento dos pais podem ser grandes desencadeador para o estresse, interferir diretamente no ambiente familiar e na qualidade de vida.

No entanto, o estudo demonstrou que as mães são as maiores afetadas pelo estresse, isso em razão da maior sobrecarga nos cuidados diários com a criança. Em muitos casos, a mãe abre mão da carreira profissional e da vida social, passando a viver em função do filho, vivenciando sentimentos de solidão e isolamento.

Em relação aos irmãos de autistas, os estudos demonstraram divergências quanto aos resultados, não encontrando necessariamente fatores estressores nos irmãos quando existe uma relação familiar estruturada e uma rede de apoio. Os estudos feitos em irmãos tiveram poucas amostras, deixando evidente a necessidade de maior investigação no perfil emocional.

Esse estudo mostrou que o diagnóstico e a severidade das características do Transtorno do Espectro Autismo – TEA, pode ser devastador para a família, trazendo grande prejuízo emocional/psicológico. Neste sentindo, conclui-se que o acolhimento dessa família no momento do diagnóstico é fundamental para o desenvolvimento da qualidade de vida para todos do núcleo familiar. Estruturar e acolher a família pode ser determinante para a queda dos níveis de estresse, prevenindo patologias relacionadas a saúde mental. Ficou evidente a necessidade de uma rede de apoio para a família objetivando o acolhimento e acompanhamento. Estudos nessa área também se fazem necessário, para se traçar estratégias de intervenção com a família.

## REFERÊNCIAS

ARAÚJO, R. R.; SILVA, J. R. S.; D' ANTINO, M. E. F. Breve discussão sobre o impacto de se ter um irmão com transtorno do espectro do autismo. **Cadernos de Pós-Graduação em Distúrbios do Desenvolvimento**, São Paulo, v.12, n.1, p. 9-15, 2012. Disponível em: <http://editorarevistas.mackenzie.br/index.php/cpgdd/article/view/11186/6945>. Acesso em: 10 mar. 2018.

BARBOSA, M. R. P.; FERNANDES, F. D. M. Qualidade de vida dos cuidadores de crianças com transtorno do espectro autístico. **Rev. soc. bras. fonoaudiol.** 2009, vol.14, n.4, pp.482-486. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342009000400009&script=sci\\_abstract&tIng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1516-80342009000400009&script=sci_abstract&tIng=pt). Acesso em: 25 fev. 2018.

DSM-V-TR – **Manual diagnóstico e estatístico de transtornos mentais (Trad. Maria Inês Corrêa Nascimento; Paulo Henrique Machado; Regina Machado Garcez; Regís Pizzato; Sandra Maria Mallamann da Rosa);** 5 ed. rev. – Porto Alegre: Artmed, 2014. 992 p.

ESTANIESKI, I. I.; GUARANY, N. R. Qualidade de vida, estresse e desempenho ocupacional de mães cuidadoras de crianças e adolescentes autistas. **Rev. Terapia Ocupacional.** USP. 2015, v. 26, n. 2. pp. 194-200. Disponível em: <http://www.revistas.usp.br/rto/issue/view/7807>. Acesso em: 10 fev. 2018.

FAVERO-NUNES, M. A.; SANTOS, M. A. Itinerário terapêutico percorrido por mães de crianças com transtorno autístico. **Psicol. Reflex. Crit.** 2010, vol.23, n.2, pp.208-221. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0102-79722010000200003>. Acesso em: 10 fev. 2018.

GOMES, V. F.; BOSA, C. Estresse e relações familiares na perspectiva de irmãos de indivíduos com transtornos globais do desenvolvimento. **Estud. psicol.** (Natal). 2004, vol.9, n.3, pp.553-561. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000300018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300018). Acesso em: 10 mar. 2018.

GRINKER, R R. **Autismo: um mundo obscuro e conturbado.** São Paulo: Larousse do Brasil, 2010. 320 p.

LIMA, C. B; GARCIA, F. T; GOUVEIA, R. **As Comorbidades nas PEA.** In: LIMA, Cláudia Bandeira. **Perturbações do Espectro do Autismo: Manual prático de intervenção.** Lisboa: Lidel, 2012. 187 p.

SEMENSATO, M. R.; SCHIMIDT, C.; BOSA, C. A. Grupo de familiares de pessoas com autismo: relatos de experiências parentais. **Aletheia**, núm. 32, mayo-agosto, 2010, pp. 183-194. Disponível em: <https://pt.scribd.com/document/269696839/Grupo-de-Familiares-de-Pessoas-Com-Autismo-Relatos-de-Experiencias-Parentais>. Acesso em: 24 fev. 2018.

SCHMIDT, C.; BOSA, C. A investigação do impacto do autismo na família: Revisão crítica da literatura e proposta de um novo modelo. **Interação em Psicologia**, Curitiba, v.7, n.2, p.111-120, 2003. Disponível em:

[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_nlinks&ref=000179&pid=S1413-6538201200020000200041&lng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_nlinks&ref=000179&pid=S1413-6538201200020000200041&lng=pt). Acesso em: 25 fev. 2018

SCHMIDT, C.; BOSA, C. Estresse e auto-eficácia em mães de pessoas com autismo. **Arq. bras. psicol.** 2007, vol.59, n.2, pp. 179-191. Disponível em: [http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1809-52672007000200008](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1809-52672007000200008). Acesso em: 10 fev. 2018.

SMEHA, L. N.; CEZAR, P. K. A vivência da maternidade de mães de crianças com autismo. **Psicol. estud.** 2011, vol.16, n.1, pp.43-50. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-73722011000100006](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722011000100006). Acesso em: 15 fev. 2018.

SPROVIERI, M. H. S; ASSUMPCAO JR, F. B. Dinâmica familiar de crianças autistas. **Arq. Neuro-Psiquiatr.** 2001, vol.59, n.2A, pp.230-237. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2001000200016&script=sci\\_abstract&tlng=pt](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0004-282X2001000200016&script=sci_abstract&tlng=pt). Acesso em: 25 fev. 2018.